



POLÍTICA OPERÁRIA

A burguesia brasileira não tem como defender e garantir a soberania nacional Organizar a frente única anti-imperialista!

A crise mundial e a disputa entre Estados Unidos e China colocam o Brasil no centro de uma guerra econômica e política cada vez mais intensa. Nesse cenário, o encontro entre Lula e Trump mostrou como a burguesia brasileira e o próprio Estado estão submetidos à pressão do imperialismo norte-americano. Enquanto Trump amplia tarifas, ameaça países latino-americanos e disputa o controle de recursos estratégicos, o governo brasileiro mostrou-se disposto à negociação, sem romper com essa dependência histórica.

O problema é que a soberania nacional vira apenas discurso quando as riquezas do país continuam sendo entregues às multinacionais. Terras raras, minerais críticos, infraestrutura e setores estratégicos da economia passam cada vez mais para o controle do capital estrangeiro. Mesmo propostas mais limi-

tadas, como a criação de uma estatal para explorar esses recursos, foram rapidamente bloqueadas pelos setores capitalistas e da política oligárquica dominante. Isso mostra que a burguesia brasileira não consegue defender de fato a independência do país diante das grandes potências.

Por isso, a tarefa de defender a soberania nacional recai sobre a classe operária e suas organizações. A luta contra as privatizações, a desnacionalização da economia e a submissão ao imperialismo deve estar ligada à defesa das riquezas nacionais sob controle dos trabalhadores. Diante do avanço das guerras, da crise econômica e da pressão dos Estados Unidos sobre a América Latina, ganha importância a construção de uma frente única anti-imperialista, capaz de unir os explorados em defesa da independência do Brasil.

O "ENSINO INTEGRAL" SIGNIFICA MAIS TEMPO DE CONFINAMENTO DA JUVENTUDE NA MESMA ESCOLA FALIDA DE SEMPRE

O governo estadual de São Paulo, do ultradireitista Tarcísio de Freitas e seu secretário Renato Feder, tem realizado uma ofensiva no sentido da ampliação do PEI (Programa de Ensino Integral). No entanto, o movimento estudantil, em aliança com o sindicato dos professores (Apeoesp) e contando com o apoio das famílias e comunidades, tem conseguido impedir a adesão de escolas regulares (de tempo parcial) ao PEI, conseguindo a rejeição nas

votações do Conselho de Escola. Em regiões como Sul-Santo Amaro e Oeste-Lapa, por exemplo, apenas uma pequena quantidade de escolas aprovou o ensino integral.

São vários os motivos para tal rejeição: em primeiro lugar, a experiência já demonstrou que aumentar o tempo de permanência na mesma escola falida de sempre não significa mais aprendizado. Na verdade, o objetivo central dos governos é garantir que os filhos dos trabalhadores tenham onde ficar, com alguma supervisão, para que a burguesia possa explorar ainda mais a força

de trabalho dos pais. Não por acaso, o grande impulso do ensino integral veio depois da aprovação da reforma trabalhista, em 2017, que permitiu a ampliação das jornadas de trabalho – aliás, tema de grande importância na atual conjuntura, quando se tem debatido a bandeira de fim da escala 6x1.

Em outras palavras, Tarcísio e Feder não estão preocupados se os estudantes estão aprendendo mais ou não, são marionetes nas mãos dos capitalistas, que só pensam em lucrar mais explorando até o limite os trabalhadores.

Continua no verso ►



Leiam e divulguem o Jornal Massas. É um jornal voltado à luta pela emancipação da classe operária e demais oprimidos da exploração capitalista. É um jornal do Partido Operário Revolucionário (POR), que luta pelo fim do capitalismo e pela construção da sociedade sem exploração do homem pelo homem, uma sociedade socialista. **O Juventude em Luta chama os estudantes a dar todo apoio ao Jornal Massas!**

E esse não é o único motivo para a rejeição ao PEI: a eliminação dos cursos noturnos, principalmente a EJA (Educação de Jovens e Adultos), também é um ataque grave à educação e aos estudantes, especialmente ao estudante-trabalhador, que tem visto seu direito elementar à educação negado com a forte onda de fechamento de salas e turnos motivada pela expansão do PEI. Para os professores e funcionários, principalmente os contratados

(que não são efetivos, concursados, ou seja, que não têm estabilidade), a expansão do ensino integral tem resultado em menos aulas, portanto, em desemprego.

Enfim, são várias razões que se combinam para explicar o repúdio da juventude ao PEI. A tarefa que cabe é dar um impulso às lutas contra esse Programa que estão ocorrendo de maneira isolada nas regiões, unificando e dando maior pro-

jeção a esse combate, centralizando gradualmente a mobilização. Para isso, as entidades estudantis (UNE, UBES, UPES, UEE e UMES) têm de lançar um chamado unitário, junto com os sindicatos da educação, para uma grande assembleia, além de convocar os atos massivos e unitários contra o PEI, fazendo a ligação com as demais reivindicações elementares do movimento estudantil.

Lições da greve nas universidades estaduais paulistas para os secundaristas

A organização coletiva e o método da ação direta (greve, ocupações, passeatas etc.) são o caminho para que os estudantes conquistem suas reivindicações

A greve das universidades paulistas mostrou que, quando estudantes e trabalhadores se unem, é possível enfrentar os ataques à educação pública. O movimento começou com a luta dos funcionários da USP contra a discriminação salarial e rapidamente ganhou força com a entrada dos estudantes, que passaram a defender melhores condições de permanência, alimentação, moradia e estudo. A mobilização se espalhou pela USP, Unicamp e Unesp e colocou milhares nas ruas contra o sucateamento e a privatização das universidades.

Essa luta também diz respeito aos secundaristas. Enquanto os universitários enfrentam cortes, terceirizações e repressão, nas escolas estaduais cresce o fechamento de salas e cursos noturnos, a falta de estrutura e a dificuldade de permanência dos estudantes mais pobres. Milhares de jovens são empurrados para fora da escola porque precisam trabalhar ou porque não têm condições materiais de continuar estudando. A raiz do problema é o mesmo: os governos tratam a educação como mercadoria e colocam os interesses dos capitalistas acima das necessidades da juventude oprimida.

A experiência do movimento estudantil universitário mostra que só a mobilização independente pode arrancar conquistas e barrar retrocessos. Por isso, os secundaristas precisam fortalecer seus grêmios, assembleias e formas de organização coletiva, ligando sua luta à dos universitários, professores e funcionários. É preciso combinar a luta em defesa das reivindicações mais elementares, como as relacionadas à alimentação e infraestrutura, com a defesa da educação pública e por melhores condições de vida.

FORMAR OS GRÊMIOS LIVRES!

O grêmio estudantil não pode ser uma entidade manipulada pelas gestões escolares e pelo governo. Os grêmios devem ter autonomia, devem servir de instrumento de organização e mobilização da juventude secundarista. Os grêmios devem ser livres e independentes!

Não é o que se tem visto nas escolas. As gestões geralmente indicam um professor para coordenar o processo de eleição, bem como a condução das ações da chapa vencedora posteriormente. Argumentam que os estudantes não possuem “maturidade” para exercer sua autonomia. Omitem que a experiência vem justamente da prática e que, por trás desse argumento, se encontra o objetivo dos governos de impedir a organização independente do movimento estudantil.

Os grêmios “chapa branca”, ou seja, que são submissos à gestão, acabam virando entidades meramente tarefas, que ajudam a realizar as ações cotidianas da escola decididas pelos diretores, coordenadores e professores. As propostas que vêm dos próprios estudantes acabam ficando em segundo plano. E assim os grêmios acabam perdendo sua verdadeira essência, que é politizar a juventude, servindo de ferramenta de luta pelas reivindicações coletivas.

O Boletim Juventude em Luta realiza uma campanha sistemática pela criação dos grêmios livres nas escolas. Venha debater conosco como formar uma chapa, a partir da elaboração de um programa de luta, que envolva as reivindicações mais elementares até as bandeiras gerais da juventude contra a exploração e todas as formas de opressão!

Milite no POR,
um partido de quadros
marxista-leninista-trotskista.
Discuta o nosso programa.
Acesse nosso site e redes sociais
através do QR Code ao lado.

